CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CORRESPONDÊNCIAS – RITA AZEVEDO GOMES | REALIZADORA CONVIDADA
5 de Novembro de 2026

DOIS E UM GATO / 2026

um filme de PATRÍCIA SARAMAGO

Realização, Argumento, Montagem de imagem: Patrícia Saramago *Fotografia*: Aline Belfort *Som*: Miguel Coelho *Direcção de arte*: Catarina Campos de Sousa *Assistente de realização*: André Silva Santos *Assistente de imagem*: Rafaela Gomes *Iluminação*: Afonso Vieira *Assistente de decoração*: Mariana Salinas *Correcção de cor*: Andreia Bertini *Efeitos especiais*: Irmã Lúcia *Som e misturas*: Elsa Ferreira *Com*: Alice Ruiz (Joana), Mateus Alho (João), Misha (Manel [o gato]), Mónica Calle (Senhoria).

Produção: Sopro Filmes (Portugal, 2026) *Produtora*: Joana Ferreira *Directora financeira*: Sara Caixinhas *Contabilidade*: Isabel Gomes *Coordenação de produção*: Sofia de Sousa *Assistente de pós-produção*: Marta Fiolic *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação pública:* 3 de Maio de 2026, no Indielisboa *Primeira apresentação na Cinemateca Cópia*: Portugal Filme, DCP, cor, 25 minutos, falado em português e ocasionalmente em inglês legendado em português.

ALTAR / 2002

um filme de RITA AZEVEDO GOMES

Realização, Argumento: Rita Azevedo Gomes *Imagem* Edmundo Díaz Sotelo, Leonardo Simões, Acácio de Almeida *Som*: José Barahona, Tiago João Silva, Michelle Chan, Nuno Carvalho *Montagem*: Patrícia Saramago, Rita Azevedo Gomes *Cenografia*: Cristina Coa, Thomas Toutain *Colaboração*: Jorge Lopes, Patrícia Saramago *Pinturas*: Luís Noronha da Costa *Cantora*: Susana Moody *Interpretação*: René Gouzenne (o actor) *Participantes*: Alice Lovelace [Patrícia Saramago], Thomas Toutain, Rita Azevedo Gomes (voz / não creditada).

Produção: Rita Azevedo Gomes para A Produtora (Portugal, 2002 [a indicação de copyright na cópia é 2003]) *Apoios à produção*: Bazar do Video, David & Golias, Lx Filmes, Abril em Maio, Ciência Gráfica, Concept/Tobis Portuguesa *Colaboração*: Museu Nacional de Arte Antiga [Museu das Janelas Verdes], Galeria de São Bento, Teatro Nacional de São Carlos [e em destaque] Joaquim Pinto *Primeira apresentação pública*: 11 de Novembro de 2002, Festival Internacional de Cinema de Turim (Itália) *Estreia comercial em Portugal:* 3 de Outubro de 2003, Twin Towers, Lisboa; Casa das Artes, Porto | *Primeira apresentação na Cinemateca*: 16 de Janeiro de 2003 (Ante-estreias) *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm (transposto de Hi8), cor, falado em francês, português, e ocasionalmente em inglês, legendado em português, 72 minutos.

com a presença de Rita Azevedo Gomes

NOTA
Por impossibilidade absoluta de escrever um texto original para esta sessão, distribui-se, sobre ALTAR, o texto de Rodrigues da Silva publicado no *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias* de 15 de Outubro de 2003, por altura da estreia comercial do filme.

Os acasos são a única coisa que não acontece por acaso. Ouve-se no SOM DA TERRA A TREMER de Rita Azevedo Gomes que, mostrado no princípio desta retrospectiva das "correspondências" de Rita, fica a reverberar no dia da primeira apresentação, na Cinemateca, de DOIS E UM GATO de Patrícia Saramago, dedicado à memória de Alberto Seixas Santos e estreado em Maio último como filme póstumo. Primeira obra "oficial" de Patrícia Saramago na realização, DOIS E UM GATO é um filme vibrante, juvenil, cheio de cor e de garra. E um motivo narrativo muito preciso, que dizia muito a Patrícia, e que está neste momento a mover praças públicas, em manifestações que alertam para como é preciso acudir a um problema contemporâneo desmedido que se avoluma sem tréguas – o direito à habitação, a falta de

casas, as rendas de valores impossíveis de pagar pela maioria da população jovem, menos jovem e não jovem, os efeitos devastadores desta triste, transversal, realidade desordenada e instável (dois adjectivos da sinopse do filme de Patrícia).

Lamento, mas sou contra o regulamento. Está sobreposto numa parede verde-água do quarto ao nível do rés-do-chão de DOIS E UM GATO. Os dois e o gato do filme são um jovem casal de namorados, Joana e João, dois trabalhadores-estudantes, que com o gato Manel (morador clandestino e observador espantado) – os três de olho azul, habitam um quarto arrendado. É dele que têm de fugir por não terem como pagar o valor em atraso, deixando à senhoria o recado da promessa da dívida saldada no futuro mais brilhante em que acreditam (quando estiverem ambos empregados nas suas áreas de estudo). Em vinte e cinco luminosos minutos, esta história de amor e alegria em tempos sombrios é contada com energia, desejo de cinema, sentido da dor e sentido de humor, em estado de (des)graça.

O primeiro plano manifesta o vigor de DOIS E UM GATO com o salto da rapariga que entra de rompante no filme, para aterrar em cima da cama em plano frontal aproximado – o colchão é de molas, ouvem-se a ceder com o peso do corpo. Uma breve sequência de planos breves mostra, a seguir, a exiguidade do ambiente, uma assoalhada em que se acumulam os objectos do dia a dia – uma chave de fendas, uma cafeteira com chá, uma garrafa de vodka; uma torradeira pousada entre a cama e a mesinha de cabeceira onde também estão produtos de maquilhagem, escovas e talheres (e vemos depois que há ainda uma pilha de pratos verdes e um martelo, além da manteiga que serve de conduto à torrada; mais à frente observamos enlatados e outros víveres e artefactos na mesinha da cabeceira do outro lado da cama); uma torrada, um limão e molas de roupa dentro do mesmo pequeno alguidar verde... O cuidado do pormenor, o jogo cromático, o acordo dos corpos dos actores, o domínio da montagem são clarividências do filme.

Aquele quarto de paredes verde-água de tonalidade azul em alguns enquadramentos é o espaço único de DOIS E UM GATO, fora a imagem da fuga que podia ser uma perspectiva da janela para a rua que nesse momento os vê a afastarem-se pedalando bicicletas entre prédios de cores suaves. Vão descobrindo os planos como o compartimento cumpre as funções de *casa*, quarto, sala de estar, cozinha ou lavandaria, estendal de roupa incluído. Como um quarto À BOUT DE SOUFFLE, um refúgio de amantes com a desordem forçada do século XXI em Portugal. A realidade chega do fora de campo com o aviso da senhoria – é dia de pagamento, "É hoje!" – ou com o salto da rua do rapaz a entrar pela janela, por onde os dois hão-de sair com o gato Manel, armados de mochilas, mais os baldes e esfregonas. Também João entra no filme de rompante, anunciado pelo som do correr para cima do estore. O filme é o conto dos últimos minutos daquela família naquele espaço, hão-de continuar a brincar às escondidas para continuarem juntos debaixo do mesmo tecto. Com o gato por perto, os dois humanos trocam olhares, gestos, palavras, beijos, campos e contracampos em que ficam condensados as grandes expectativas e os grandes receios, o que aflige as personagens, as tensões da vida precária a que não soçobram. Sem eles, o quarto perde a luz. Quando a senhoria entra na assoalhada vazia e descobre o colchão com o coraçãozinho pintado a batom, está tudo cinzento, foi-se o brilho. A gentil nota que lhe foi deixada por Joana, João e Manel permite ainda assim um sorriso, dela e nosso.

É justo lembrar que, em Abril último, "Patrícia Saramago – 'Fazer e refazer é o dia a dia numa sala de montagem'" foi o título da homenagem organizada na Cinemateca a Patrícia, mostrando como ela, além do caminho que fez na montagem, filmou em contínuo, ao longo de muitos anos, de forma regular e discreta: acompanhando os processos de preparação, encenação e registo de espectáculos de Mónica Calle com as companhias de teatro Companhia Maior e A Casa Conveniente, filmou e, com algum desse material, experimentou incessantes versões de montagem, dando uma forma mais acabada a, por exemplo, A ÚLTIMA GRAVAÇÃO e INFERNO (VALE DE JUDEUS), de 2007 e 2010, apresentados pela primeira vez em sala nessa ocasião, graças à disponibilidade da família de Patrícia. São trabalhos que antecederam DOIS E UM GATO. Como então se lembrou, Patrícia Saramago foi assistente, anotadora e actriz ocasional de cineastas com quem manteve uma relação próxima. Na montagem iniciou, em finais dos anos 1990, o seu trabalho com Alberto Seixas Santos, Fátima Ribeiro, Joaquim Leitão, Leonel Vieira, Luís Fonseca, Manuel Mozos, Marco Martins ou Miguel Seabra Lopes. Assumiu responsabilidade crescente em ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA de Jorge Silva Melo (assistente de Teresa Font e Irene Blecua), NO QUARTO DA VANDA de Pedro Costa (assistindo Dominique Auvray) e FRÁGIL COMO O MUNDO de Rita Azevedo Gomes (cuja montagem co-assina com a realizadora), primeiros passos de relevo na sua variada, relevante, filmografia. Nas cerca de noventa entradas como montadora, os nomes mais recorrentes são Lila Brahimi, Pedro Costa e Rita Azevedo Gomes.

Com Rita, Patrícia desenvolveu uma proximidade pessoal e de trabalho especialmente intensa entre FRÁGIL COMO O MUNDO (2000) e A PORTUGUESA (2018). Em ALTAR, além da montagem e outros papéis de bastidores, foi actriz (escolheu o pseudónimo Alice Lovelace), uma presença marcante do filme. ALTAR é o filme da primeira vez em que Rita Azevedo Gomes improvisou somando realização e produção sem rede (financeira) e com os meios inestimáveis das cumplicidades pessoais que lhe permitiram fazê-lo. Logo depois de FRÁGIL COMO O MUNDO recusou o pousio, temeu a repetição dos dez anos sem filmar que mediaram O SOM DA TERRA A TREMER e FRÁGIL e adiantou-se. Atirou-se para o filme com a mesma obstinação de vezes seguintes, desta feita reunindo o grupo de pessoas que responderam à chamada uma vez conseguida uma casa para filmar e que servisse de estalagem e morada à produção, emprestada por amigos chegados. A casa na Serra de Montejunto onde ALTAR foi filmado antecipa, em certo sentido, a casa em Moledo do Minho que outro amigo, noutras circunstâncias, disponibiliza para a adaptação livre da peça de Rohmer que dará origem a TRIO EM MI BEMOL (2021) quando. Na paisagem de montanha filmada vinte anos antes, sente-se ainda a reverberação da poesia de Sophia projectada em FRÁGIL COMO O MUNDO. Aí, em epígrafe, *Terror de te amar, num sítio tão frágil como o mundo*. Aqui, na cadência de *Imagens tão mudas que, ao olhá-las, me pareça que fechei os olhos*.

Maria João Madeira

Um Altar Proustiano

Era uma vez um senhor – um velho senhor que... Não, não conto. Se os filmes se não contam, vêem-se, a este contá-lo seria um crime. Porquê? Porque ALTAR (desde logo, o título...), segunda longa-metragem de Rita Azevedo Gomes, não é apenas uma obra-prima absoluta, mas também um filme incontável. Pela simples (tão simples) razão que antes (e depois) do mais é imagem pura. Imagens... Belíssimas imagens (visuais e sonoras) e (e este "e" não é secundário, mas o primordial) um fabuloso trabalho de câmara. E é este trabalho de câmara, associado a um não menos fabuloso trabalho de montagem, que faz de ALTAR uma obra deslumbrantemente transcendental. E – quero crer – o filme mais proustiano de toda a História do Cinema.

Aquilo que o velho senhor diz, recorda, evoca é uma história de amor. Ou quiçá um amor sem história. Vivido, ou talvez apenas imaginado, algures num indefinido e inlocalizável passado. E tão indefinido e tão inlocalizável que ALTAR é um filme translúcido. Isso mesmo: nem opaco, nem transparente –translúcido. Como se o filtro da memória se interpusesse entre o passado e o presente, fundindo-os e confundindo-os. Daí também que tudo o que vemos nos surja fragmentado, do geral partindo, no particular se retendo. Fragmentos, pois. Na evocação de um tudo nada, quem sabe sem significado mas significante, que a memória engrandeceu, porventura ficcionando-o.

A absoluta mestria desta realização imaculada e exemplar de Rita Azevedo Gomes (melhor ainda que a sua anterior, FRÁGIL COMO O MUNDO, 2001) caracteriza-se quer pelo *ostinato rigore* que presidiu à escolha pictórica e musical da mise-en-scène, quer pela perfeita simbiose dos textos (seus, mas também de diversos autores, de H. Hesse a Sophia, de Goethe a Hölderlin, mas, curiosamente, não de Proust), quer pelo (insisto) trabalho de câmara e de montagem. Daí a longa *durée* dos planos, daí os *travellings* que percorrem os quadros, tudo numa escrita não retórica, cujo ritmo tem pleno sentido dramático. Daí também que o que se vê não corresponda necessariamente ao que se ouve e vice-versa, porque a memória subverte o real, harmonizando, todavia, passado e presente. O infinitamente mais a partir do infinitamente menos de um gesto, uma palavra, um silêncio; do marejar de uma vaga, o gorjeio de um pássaro, a mão de uma mulher – amada.

E há o cenário. Os cenários: o do presente, panteísta dir-se-ia, e o de um outrora que nos surge descontinuo, porque a memória está imbuída dessa ilógica lógica que é a arte de esquecer, tanto como de transfigurar. E de ilustrar. De ilustrar sim, porque aquilo que um dia, uma tarde, uma noite se viveu (ou não...) o podemos reviver agora a outra luz. E essoutra luz pode ser mesmo isso e apenas isso: luz. Mas também as luzes que emanam de uma tela, de uma

canção, de um solo instrumental ou de uma antiquíssima fotografia donde um rosto jamais identificável se isole, dele fixando o enigmático sorriso que alguém, anónimo, legou à posteridade. O sortilégio da *patine* do tempo, do *craquelé* do espaço...

Poderia dizer de quem as telas, de quem as canções, de quem os textos (de alguns já disse), de quem a música (de uma digo: Mähler), de quem as vozes (uma é a do soprano Kathelin Ferrier, uma voz absoluta). Mas não tenho aqui à mão a papelada toda (tão útil – reconheço) que me esclareceria sobre o quem é quem deste filme e não me apetece profanar com um saber enciclopédico este ALTAR. Curvo-me perante ele, pois e tão só, na certeza de que ele se deve merecer como se merece uma liturgia que nos *religue* a algo acima e além de nós. Que nada se intrometa, pois, entre este ALTAR e quem tiver o privilégio de o ver. Era uma vez... Foi? É!

PS: Louve-se Rita Azevedo Gomes que fez este filme a expensas suas, sem o menor apoio institucional (salvo o do ICAM que, *a posteriori*, pagou a cópia filme a partir do vídeo digital). Louve-se a FBF que distribuiu ALTAR com isso se enobrecendo. Louve-se pelo mesmo as salas Twin Towers que em Lisboa foram as únicas que se mostraram disponíveis para o exibir. E lamente-se (no mínimo lamente-se...) que os dois impérios que dominam a exibição na capital não tenham tido – qualquer deles – uma sala (uma única que fosse, em horário algum!!!) para passar este filme. Se há créditos que se contabilizam, há réditos que também...[i]

Rodrigues da Silva

A crítica de José Manuel Rodrigues da Silva foi originalmente publicada
no *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias* de 15 de Outubro de 2003

[i] As referências são ao ICAM-Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimedia, actual ICA-Instituto do Cinema e do Audiovisual e à FBF Filmes, que distribuiu ALTAR em sala em Outubro de 2003, numa sala lisboeta das Twin Towers. Mantêm-se as referências de época e circunstância.